

O CARÁTER ADQUIRIDO²³³ EM SCHOPENHAUER E A SENSIBILIDADE ESTÉTICA COMO VIA DE ACESSO AO AUTOCONHECIMENTO

Gledinélio Silva Santos*

Resumo

O presente trabalho parte da análise sobre o *Caráter adquirido* conceituado por Arthur Schopenhauer em *O mundo como vontade e como representação*, com o fito de analisar sua *Estética* contida no terceiro livro da mesma obra; sobretudo ao que se refere ao homem de gênio – ou, ao *puro sujeito do conhecer*. Para Schopenhauer, o caráter é dividido em três espécies: o inteligível, o empírico e o adquirido; sendo esse último aquele pelo qual é possível ao indivíduo conhecer melhor suas habilidades em conformidade à sua natureza. O filósofo aponta como ponto crucial, a necessidade do conhecimento pleno de si, a fim de que as aspirações de cada indivíduo sejam conduzidas de modo clarividente. Nessa perspectiva – sendo a sensibilidade estética um dos meios de acesso ao conhecimento das ideias apreendidas pelo gênio artístico, segundo Schopenhauer – a contemplação torna-se, por seu turno, uma via de acesso ao conhecimento destituído do princípio de razão. Nosso intuito é saber como se dá a relação estabelecida entre a Arte e a Vida, onde o *caráter* se torna o cerne da questão. Ao passo em que, ter uma postura contemplativa perante a vida abre para o indivíduo a possibilidade de uma vida autêntica – Arte de viver.

Palavras-chaves: Caráter. Autoconhecimento. Sensibilidade estética. Schopenhauer.

THE ACQUIRED CHARACTER IN SCHOPENHAUER AND THE AESTHETIC SENSITIVITY AS AN ACCESS ROUTE TO SELF-KNOWLEDGE

Abstract

This work starts from the analysis on the acquired character conceptualized by Arthur Schopenhauer in *The World as Will and Representation*, with the aim of analyzing its

²³³ Parto da ressalva feita pelo próprio Schopenhauer quanto à questão do Caráter considerando-o como uma questão não tanto importante para a ética como para a vida no mundo. No entanto, ao longo da leitura, observar-se-á que essa é uma questão salutar para o estudo sobre as ações humanas e consequentemente as implicações morais nesse contexto perpassando pelo estudo de sua *Estética*.

*[✉]Graduando de licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Contato: g.nelio@hotmail.com

Aesthetic contained in the third book of the same work; especially the concept of man of genius - or, to pure subject of cognition. For Schopenhauer, the character is divided into three species: intelligible, empirical and acquired; the latter being the one by which it is possible to best meet their individual skills according to their nature. The philosopher points out how crucial point, the need of the full knowledge of self, so that the aspirations of each individual are conducted clairvoyantly. From this perspective - where the aesthetic sensibility is one means of access to knowledge of Ideas seized by artistic genius, according to Schopenhauer - contemplation becomes, in its turn, an access route to knowledge devoid of the principle of reason. Our aim is knowing how to constitute the relationship between Art and Life, where the character becomes the heart of the matter. In so far as, have a contemplative stance towards life opens up to the individual the possibility of an authentic life – Lifestyle.

Keywords: Character. Self. Aesthetic sensibility. Schopenhauer

Introdução

Uma das primeiras questões pertinentes no estudo do quarto livro da obra magna de Arthur Schopenhauer, aquele que corresponde à Ética em *O mundo como vontade e como representação* de modo geral, refere-se ao argumento pelo qual se observa o tom determinista da obra *Sobre a condição intransmutável da natureza humana*. No decorrer do texto isso será mais evidente, na medida em que Schopenhauer aborda questões sobre as ações humanas. Segundo Schopenhauer, “a conduta, por assim dizer, está fixamente determinada desde o nascimento e no essencial permanece a mesma até o fim da vida”²³⁴.

Os primeiros três parágrafos da Ética de *O mundo...* que corresponde aos § 53 a § 55, traçará uma relação entre a ação do homem e a constituição do caráter; e por conseguinte, às próprias implicações morais que daí decorrem.

Por ser essa uma questão latente na obra em questão, indicamos aqui o norte pelo qual guiaremos nossa investigação; na tentativa de buscar compreender *como se dá a relação estabelecida entre Arte e Vida*, explicitando-as como indissociáveis; e correlacionando-as

²³⁴ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo, UNESP, 2005, p. 380.

com a *ética*; ao passo que, tanto a *vida* quanto a *arte*, estão, de algum modo, entrelaçadas por conceitos *morais*. A princípio, essa tríplice relação permanecerá implícita, pois, substituiremos aqui *ética* por *caráter*. Corroborando assim, com a questão já anunciada da referida relação, cujo *caráter* se torna o cerne da questão.

Sobre o problema conceitual dos termos e da prática filosófica

Tradicionalmente, em filosofia, o problema da ética está relacionado à vida do homem em todos os seus aspectos. Sobretudo naquilo que diz respeito à possibilidade de uma vida boa – ou, vida feliz. Em Aristóteles, dito de passagem, virtude, felicidade e vida, são questões que estão intimamente ligadas. A partir do estabelecimento desse problema grego – a boa vida – uma infundável produção bibliográfico-filosófica surgiu até aqui, com o fito de resolvê-lo, ou, lançar uma luz sobre questões pertinentes a esse problema. Sem adentrar decididamente no mérito da questão, outro ponto que nos é apresentado em *O mundo...*, diz respeito a crítica, em certa medida, feita por Schopenhauer, sobre qual seria, em última instância, o objetivo da filosofia. Para o filósofo, o mais importante é conhecer o conteúdo do mundo e da vida. Tal conhecimento não advém de caminhos duvidosos, nem deve deixar-se enveredar por eles. Dito isso, o papel da filosofia, por assim dizer, seria a interpretação e a explanação do existente, a essência do mundo; trazendo ao conhecimento “distinto e abstrato da razão, em todas as suas relações possíveis e em todos os pontos de vista”²³⁵. De outro modo, como pode a filosofia debruçar-se sobre as questões éticas, por exemplo, sem que ela não se limite a um conglomerado de conceitos abstratos, estabelecidos com a finalidade de apenas normatizar a vida humana?

Ocorre que a filosofia é constituída por conceitos; contudo, tais conceitos não são capazes de produzir nem a virtude, nem o gênio artístico, conforme observa Schopenhauer:

²³⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo, UNESP, 2005, p. 354.

A virtude é tão pouco ensinada quanto o gênio; sim, para ela o conceito é tão infrutífero quanto para a arte e em ambos os casos deve ser usado apenas como instrumento. Por conseguinte, seria tolo esperar que nossos sistemas morais e éticos criassem caracteres virtuosos, nobres e santos, quanto que nossas estéticas produzissem poetas, artistas e músicos²³⁶.

A impossibilidade do ensino da *virtude* e do *gênio* implica diretamente na questão central do nosso trabalho, ou seja, quanto à possibilidade de – em virtude de uma sensibilidade estética – tornar a vida uma obra de arte, por meio de um processo didascálico com vistas ao autoconhecimento.

O trecho supracitado pontua os conceitos como instrumentos, e não como fundamento essencial. A instrumentalização dos conceitos os coloca na condição de ferramentas no processo laboral da vida, tanto para as virtudes quanto para as artes.

A ideia de instrumento²³⁷, no sentido musical do termo, problematizado na questão em torno do *Instrumento musical e o artista*, sublinha que: em música, o artista depende necessariamente do seu Instrumento. Enquanto que em estética, de modo geral, o esteta

²³⁶ Ibidem, p. 353-354.

²³⁷ O instrumento utilizado como um agente mecânico na execução de um trabalho (um utensílio, ou ferramenta), difere-se dos Instrumentos musicais por haver uma distinção da relação estabelecida nas atividades às quais eles se destinam com aquele que as manuseiam. Não há uma necessidade lógica que determine que o carpinteiro seja o que é em função da existência de determinadas ferramentas utilizadas em seu labor, mas sim, a sua própria atividade específica. Quanto ao músico, a sua especificidade está necessariamente ligada ao Instrumento que ele toca, de tal modo que, um pianista não poderia o ser sem a existência de um piano; sem seu Instrumento ele é apenas um músico teórico. Destarte, por se tratar de uma questão etimológica, há uma diferença significativa entre Instrumento e instrumento. Ou, caso não haja, deveria haver. Pois, o resultado último de uma obra de arte (neste caso um Instrumento musical) não depende necessariamente das ferramentas utilizadas para a confecção de um *Stradivarius* – esse que é de longe uma preferência entre os músicos. A qualidade da matéria prima, o rito, ou, o processo concernente às etapas para a construção do mesmo, e, obviamente, a genialidade do próprio *luthier*, são fatores fundamentais para a confecção de um bom Instrumento musical. O próprio Instrumento como obra de arte produz uma sonoridade distinta dos outros Instrumentos comuns. Entretanto, ele não torna o gênio mais virtuoso pela qualidade do Instrumento. Em última instância ele possibilita ao artista explorar sua técnica, seu *feeling*, extraindo, como supracitado, um som diferenciado, os quais outros tantos não podem oferecer. De outro modo, um artista comum não se torna em um gênio em virtude do Instrumento que possui. Esse último pode até produzir uma sonoridade insignificante por conta de tal relação. Mas, um exímio músico é tão gênio com um Instrumento mediano, ou ruim, quanto outro com um Instrumento mais sofisticado; como no caso de Hendrix e Satriani, caso quiséssemos compará-los. Paganini também não é Paganini por conta da qualidade do Instrumento que toca. Ele é o violinista endiabrado pelo fato de ser o que ele verdadeiramente é – um gênio.

não tem uma necessidade lógica do instrumento – neste caso: o conceito. Essa distinção também serve para a ética, onde, o conceito – enquanto instrumento para uma conduta ética – serve tão somente para iluminar o conhecimento. Este, por sua vez, enquanto pertencente ao princípio de razão, jamais pode atingir a essência íntima das coisas, pois ele se restringe tão somente a elas enquanto fenômenos. Como afirma Schopenhauer;

o autêntico modo de consideração filosófica do mundo, ou seja, aquele que nos ensina a conhecer a sua essência íntima e, dessa maneira, nos conduz para além do fenômeno, é exatamente aquele que não pergunta “de onde”, “para onde”, “por que”, mas sempre e em toda parte pergunta apenas pelo QUÊ do mundo, vale dizer, não considera as coisas de acordo com alguma relação [...] mas, diferentemente, tem por objetivo precisamente aquilo que permanece após eliminar-se o modo de consideração que segue o referido princípio de razão, noutros termos, tem por objeto o ser do mundo sempre igual a si e a aparecer em todas as relações, porém sem se submeter a estas, numa palavra, as Ideias mesma. A filosofia, como a arte, procede de tal conhecimento²³⁸.

O verdadeiro conhecimento advém da própria ação, afirma Schopenhauer, e não se dá por meras abstrações, expressos em palavras, “mas sim um conhecimento vívido, e independente de dogmas expressos exclusivamente em atos e condutas”²³⁹. Isso corrobora a tese de que a vida pode ser um contínuo fazer artístico, no sentido de que saber viver, é ser o autor e o protagonista de sua própria história; independente de todas as intempéries da vida.

O caráter adquirido como conhecimento da individualidade

Schopenhauer identifica a ação como objeto principal das investigações humanas, justamente por ser ela aquilo que está em maior conformidade com a natureza do homem. Embora as considerações feitas por Schopenhauer digam respeito à filosofia prática, o preferível para o filósofo é sempre inquirir, e não prescrever regras de conduta, ou, doutrinas do dever; daí que toda filosofia deve ser sempre teórica.

²³⁸ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo, UNESP, 2005, p. 357.

²³⁹ *Ibidem*, p.370.

As ações, segundo Schopenhauer, são produzidas pelas motivações. Segue-se então que as forças e as qualidades de cada coisa na natureza “reagem em face de determinada impressão, e constitui o seu caráter em virtude do qual os motivos produzem suas ações com necessidade”²⁴⁰. Podemos compreender tais impressões como um tipo de *abalo produzido no espírito pelos aspectos externos*. Neste caso, o próprio conhecimento é um dos aspectos externos que propulsionam tais forças e qualidades, tais como a virtude e a genialidade artística. Por meio de tais impressões ocorre a reação e não a produção.

O que significa dizer, então, que o homem é a sua própria obra? Para Schopenhauer, não é que exista um zero a partir do qual é possível construir um caráter, uma identidade. Sua visão é de que o homem é “sua própria obra antes de todo conhecimento, e este é meramente adicionado para iluminá-la”²⁴¹. Numa alusão à pintura, inicialmente o que se tem no homem é uma base de rabiscos confusos feitos a carvão, enquanto o conhecimento são as cores sobrepostas a esses rabiscos, dando ao rascunho uma imagem completamente nova. É possível pensar numa partitura musical, onde ela inicia-se com um compasso e um tom determinado, cujas variações e os encadeamentos seguintes serão adicionados mediante a própria execução da música; e, ainda que haja algum tipo improvisação, ou, uma modulação que transponha a tonalidade, uma sétima sempre exigirá o retorno a uma dominante.

O conhecimento de si é apresentado por Schopenhauer, como uma possibilidade salvífica frente a essa condição intransmutável da natureza humana, ou seja, pelo autoconhecimento o indivíduo tem a possibilidade de conduzir suas ações sem que elas se tornem num todo, um fardo nos aspectos mais simples, e, por conseguinte, na vida em todos os sentidos; na medida em que, mesmo com a determinação da condição natural do homem, do seu caráter intransmutável, e do horror da própria existência, a possibilidade de uma ação

²⁴⁰ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo, UNESP, 2005, p. 372.

²⁴¹ *Ibidem*, p. 379.

capaz de *ressignificar* a vida, livrando-a de um desfecho mais desprezível revela a beleza peculiar de cada tragédia.

É justamente por ser o homem o fenômeno mais perfeito da Vontade, e por ser ele a única espécie capaz de representar a essência do mundo por meio de um conhecimento iluminado, que “é possível a apreensão das Ideias, o límpido espelho do mundo”²⁴². Daí que a coisa em si kantiana dentro do arcabouço filosófico schopenhaueriano passa a ser cognoscível, onde as experiências resultantes da vontade originam um conhecimento que se estende ao conjunto dos fenômenos; conseqüentemente, por conta de tal conhecimento é que se sustenta a hipótese que pontua o caráter como conhecimento da individualidade.

Pensar a própria individualidade é atentar para a expressão “*conhece-te a ti mesmo*”. Onde, pensar o ato de conhecer a si mesmo, por sua vez, já é o iniciar desse conhecer-se. Ou, dito de outra forma, ao menos é possível conceber esse “deter-se no pensamento” como uma espécie de *abertura* para uma ação que propicie o autoconhecimento. Contudo, ressalta Schopenhauer:

cada um de nós [...] considera a si mesmo *a priori* [...] livre, inclusive nas ações particulares, no sentido de em qualquer caso dado ser possível qualquer ação, porém só *a posteriori*, a partir da experiência e da reflexão sobre ela, reconhece que seu agir foi produzido de modo completamente necessário a partir do confronto do caráter com os motivos²⁴³.

Assim, uma vez que as ações particulares de cada homem são a exteriorização do seu caráter inteligível, e a soma dessas ações constituem seu caráter empírico, este terceiro tipo de caráter apontado por Schopenhauer, resultante de toda experiência, a saber: o caráter adquirido, nada mais é que “o conhecimento mais acabado possível da própria individualidade”²⁴⁴. Para Adolphe Bossert, em sua *Introdução a Schopenhauer* (2012):

²⁴² SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo, UNESP, 2005, p. 373.

²⁴³ *Ibidem*, p. 374.

²⁴⁴ *Ibidem*, p. 394.

Não temos intuições imediatas sobre o caráter inteligível, nem mesmo sobre o nosso. Julgamos os outros de acordo com sua conduta e não temos outro parâmetro para julgar a nós mesmos. É nos vendo operar que podemos dizer o que nós valem e o que somos. Cada uma de nossas ações é um traço a mais na pintura que fazemos de nossa pessoa no transcurso de nossa vida²⁴⁵.

O caráter adquirido, ou “constituído”, digamos assim, resultante das experiências ao longo da vida e iluminado pelo conhecimento, pode – a partir da plena consciência de suas potencialidades e fraquezas – guiar o homem em seu processo laboral de vida.

Para Schopenhauer, “em função da existência real desse grau de conhecimento [...] origina-se exatamente a arte”²⁴⁶. Aqui a arte se apresenta, em parte, como uma atividade humana resultante do conhecimento. O inverso também é verdadeiro, na medida em que a arte produz conhecimento. Talvez a ideia de que ela seja a expressão legítima da essência do mundo não esteja clara. Isso implica em uma explanação mais apurada sobre a relação entre *vida, arte e conhecimento*.

Sensibilidade estética e a força educativa da arte.

Pensar a arte como um instrumento *didascálico* no processo de construção do conhecimento não é genuinamente um procedimento novo. A própria Arte em si é caracterizada como uma expressão simbólica das faculdades humanas, capaz de transmitir ao espectador o que nela está posto, ou seja, as Ideias apreendidas pelo gênio. Neste sentido – na possibilidade de ocorrer essa transmissão/produção de um conhecimento – é que se concebe o fazer artístico numa didascalogia, ou seja, da obra de arte como uma práxis pedagógica, no sentido de que a Arte educa.

Por sensibilidade estética nos referimos aqui àquela disposição interior à vida contemplativa; abertura pelo qual o indivíduo busca uma relação com a arte, de tal modo

²⁴⁵ BOSSERT, Adolphe. *Introdução a Schopenhauer*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2012, p. 232.

²⁴⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo, UNESP, 2005, p. 373.

que ela esteja em plena relação com o belo, seja na obra de arte, seja na exuberância da natureza. Daí a necessidade de um abandono na contemplação como forma de participação com o artista que nos deixar enxergar com seus olhos a essência das coisas.

Que a vida e a arte estão, de algum modo, permeadas por conceitos morais, isso é o que se pode notar na relação estabelecida entre esses dois conceitos quando observados no âmbito de sua própria relação com o homem. Assim como dizer que tais conceitos carregam em si o preceito de que a moral está intrinsecamente ligada na vida do homem com o fito de torná-la melhor. Obviamente que isso é passível de contestação. No entanto, nessa relação entre a moral e a arte, existe uma influência da primeira sobre a segunda, ou seja, a moral age por vezes como uma força coerciva sobre a arte; direta ou indiretamente. Daí que a verdadeira obra de arte é totalmente livre de todo interesse que não seja a relação consigo mesma, liberta até mesmo da Vontade.

Tal produção artística só pode ser criada pelo gênio, e, somente pelo conhecimento mais puro pode o indivíduo ser ele também aquele olho cósmico, conhecedor das Ideias; bem como conhecedor de si em toda sua amplitude; na medida em que “pelo conhecimento adicionado ele aprende no decorrer da experiência do que ele é, ou seja, chega a conhecer seu caráter. Ele se conhece, portanto, em consequência e em conformidade à índole de sua vontade”²⁴⁷.

Sobre o autoconhecimento e a vida como obra de arte

No terceiro livro, correspondente ao § 33, também conhecido como: *Alcançando o conhecimento de si*, Schopenhauer não só nos apresenta sua *Metafísica do belo* e o *puro sujeito do conhecer*. Como também o próprio conceito sobre o *conhecimento de si*, ou, como preferimos aqui denominar, *o autoconhecimento*.

²⁴⁷ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo, UNESP, 2005, p. 379.

Para Schopenhauer, o indivíduo não passa de uma ilusão fenomênica e, portanto, deve tão logo ser edificado como sujeito, ou, *puro sujeito do conhecer*.

A obra de arte, enquanto desprendida da Vontade, não só revela ao indivíduo as Ideias apreendidas pelo gênio, colocando-o, assim, com a essência das coisas, bem como o põe em igual condição de conhecer a si mesmo; portanto, transcende o indivíduo para o *puro sujeito do conhecer*.

O autoconhecimento, nessa perspectiva, refere-se ao “conhecimento de nossa mente, com suas faculdades de todo gênero e limites inalteráveis, é, nesse sentido, o caminho mais seguro para obtermos o maior contentamento possível conosco mesmo”²⁴⁸. Trata-se, portanto, do aprender a como chegar a um fim iluminado pelo conhecimento, evitando, desta forma, os meios errôneos e inapropriados.

Poder-se-ia dizer que diante de inúmeras possibilidades, pelo autoconhecimento, suscitado e motivado pelo conhecimento, posso seguir um caminho contrário a qualquer má inclinação, pois, “apenas quem alcançou semelhante estado sempre será inteiramente a si mesmo com plena clareza de consciência e nunca trairá a si nos momentos cruciais, já que sempre soube o que podia esperar de si”²⁴⁹.

Conclusão

Abandonemos, pois, toda argumentação apresentada aqui. Ou, deixemos tudo em suspenso até que tenhamos recuperado uma relação com a arte, de forma mais profunda e intensa, que a muito nos parece perdida.

Se compreendermos a arte como *mentora da vida*, que nos coloca em uma relação mais íntima com toda existência e conosco mesmo, então é preciso rever essa relação. É possível

²⁴⁸ Ibidem, p. 395.

²⁴⁹ Ibidem, p. 394.

dizer que, ainda que indiretamente, talvez seja essa uma observação pertinente apresentada por Schopenhauer em sua grande obra.

O *conhecimento de si* não depende necessariamente de uma *sensibilidade estética*, ao passo que esta estabelece condições capazes de produzir, ulteriormente, estádios que propiciem o *autoconhecimento*. Destarte, é mediante tal conhecimento distinto do princípio de razão, advindo do caráter adquirido, ou seja, daquele conhecimento “mais acabado possível da própria individualidade”²⁵⁰, que, é possível, não só *ressignificar* a vida particular de cada homem, mas também o conjunto de toda sua existência.

Referências bibliográficas

BOSSERT, Adolphe. **Introdução a Schopenhauer**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2012.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo, UNESP, 2005.

²⁵⁰ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo, UNESP, 2005, p. 394.